

A to Z, os desvios que ampliaram o arquivo

Cristina Ribas

Thanks to Christopher Jones and Ben Seymour

Como medimos o desejo do conhecido desequilibrado do desconhecido?

O texto poderia ser um diagrama, mapa, ou desenho de uma viagem e de uma morada. Entre Setembro e Dezembro de 2009, vivi em Londres, Inglaterra, com o subsídio de uma bolsa de pesquisa e produção em artes. Ora, toda viagem padece de partida e chegada. Meu escopo de desejos foi comigo na mala deixando o Rio de Janeiro por um tempo, e não só na forma de uma procedência geográfica, levava planos balanceados por minha experiência no Brasil; desejos a ponto de serem confrontadas com um contexto no outro lado do oceano. Se aqui me dedico à participação em um contexto ativado por meio de práticas artísticas, realizando intervenções e ações de fomento de uma esfera pública em que a arte é um dos elementos de articulação social, na forma de exposições, organizando projetos como residências artísticas, seminários e eventos, trabalhando com pesquisa, entrevistas, crítica de arte, entre outros... de que forma isso poderia acontecer lá?

O projeto submetido para a instituição de fomento¹ apresentava uma proposição cujas assertivas eram, contudo, rasuradas como um índice de zine punk. A ação central seria pesquisar no Instituto Warburg² e criar uma obra como dispositivo dialógico de articulações da noção de “arquivo”, para o que formulei algumas perguntas: de que forma a noção de pesquisa interfere e corrobora na criação artística?; como se produz hoje uma historiografia arqueológica em relação às práticas documentais, cumulativas, classificatórias, narrativas da arte conceitual e contemporânea?; qual a “competência mnemônica” das formas artísticas narrativas e discursivas?; como elas constituem a noção de obra?;

¹ Programa Artist Links, British Council. O programa promoveu o intercâmbio de artistas brasileiros e ingleses por quatro anos.

² <http://warburg.sas.ac.uk/> O Instituto foi iniciado por Aby Warburg (1866 – 1929), historiador de arte e pesquisador incansável, muito conhecido por observar as reminiscências de culturas pagãs na arte ocidental. Warburg possuía um método labiríntico no limiar de cientificidade e poética (Warburg aliava Mágica à Ciência, por exemplo, no arquivo de fotografias base de seus estudos iconográficos).

de que forma essas novas narrativas operam uma articulação fluida entre a experiência do indivíduo e suas coletivações?³



_ capa do zine Alternative FreeAds 3.2

Tais perguntas pretendiam antes cercear uma pluralidade de ações e sinalizavam a observação atenta da prática artística pessoal e daquelas que há muito me cerco, como quando no auxílio da Arquivista no Arquivo de emergência⁴. Mas as perguntas estavam ainda pautadas na plasmação do projeto, cujos desvios do novo seriam cruciais para atualizar o desejo e desencontrar outras manifestações de um campo em profusão, algo que estava até então escondido (talvez porque nunca provado dessa forma) naquelas perguntas. Assim que conhecer um centro social anarquista e frequentar duas feiras que aconteceram em Londres enquanto eu estava lá trouxeram a intensidade de iniciativas locais (e de alguma maneira de seus arquivos). Pude tomar conhecimento de coletivos radicais e produções em arte nos mais diversos modos, fomentando a promoção do conhecimento com uma boa dose de política: *56a Infoshop*, há 19 anos em Elephant & Castle; *Publique e Seja Banido (Publish and Be Damned)* e a *Feira Anarquista de Livros (Anarchist Book Fair)*. Tais situações me apresentaram diante dos olhos e do corpo uma esfera pública em absoluta virtuosidade. Isto é, talvez, o que diria Paolo Virno⁵: “esfera pública” por que se experimenta um espaço dado à colaboração do pensamento dimensionado no intelecto, por mais que uma série de forças não deixe

³ Recomendo a leitura de VIRNO, Paolo em *Virtuosismo e revolução*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008. e *Cuando el verbo se hace carne: lenguaje y naturaleza humana*. Buenos Aires: Cactus: Tinta Limón, 2004.

⁴ <http://arquivodeemergencia.wordpress.com>

⁵ VIRNO, 2008. Op. Cit. p.

de atravessar trazendo aqui ou ali manifestações de velhos poderes, ou impossibilidades cooperativas.

A bolsa de fomento não exigia a elaboração finalizada de uma obra, mas requeria a justificativa de uma viagem além mar. O objeto claro e urgente da minha movida seria também mais um elemento deste diagrama que reservava à sua forma limites: acercar-me do Instituto Warburg hoje parceiro da Universidade de Londres. A percepção desses limites e das linhas de força que me conduzissem para fora do Warburg indicando a interatuação com produtores locais transformou a morada temporária em uma experiência de enraizamento ou aterramento (se assim se pode traduzir o que em Londres se chama *grounding experience*). Bem por isso, cooperar com um centro social ou encontrar um projeto relacionado a arquivos atuante no presente (e não no âmbito universitário como o Warburg) era outro ponto de ação da minha bolsa-residência. Procurei em páginas na internet e pedi indicações para amigos antes de ir para a Inglaterra, coisa que só fui “fechar” diante da visita ao próprio lugar: foi com admiração absurda que conheci o 56a Infoshop, um centro anarquista que existe no sul de Londres, em Elephant & Castle há 19 anos, totalmente com trabalho voluntário.⁶ Formado por uma loja de alimentos e produtos orgânicos vegana (*Fareshares*); livraria com volumes selecionados cuidadosamente e com preços mais baixos; oficina de conserto de bicicletas; computadores com acesso à internet; cozinha com diversos chás deliciosos e um arquivo que ocupa totalmente uma das salas, fazendo voltas em prateleiras que se multiplicam até o teto. O Arquivo 56^a guarda material de uma enormidade de movimentos diferentes sendo em grande maioria ingleses, depois europeus e mundiais, e em pouca quantidade latino-americanos; na forma de cartazes, livros, mapas táticos de manifestações, publicações, panfletos, revistas, entre outros.⁷

56A

Foram muitas conversas até decidir que Christopher Jones, arquivista-capitão, do 56a seria um dos colaboradores para meu projeto em Londres – visto que com a Bolsa deveríamos escolher até dois parceiros para dialogar e dividir dúvidas, pesquisas, copos de chá... E quanta ruptura, quanto descaminho ao confrontar a prática de dois arquivos, mesmo que fosse em pensamento – este que eu trabalho, por origem relacionado ao campo da arte em constituição voltado a perceber os eventos e estratégias que interpelam atravessamentos com o que se tem por artes visuais contemporâneas e

⁶ <http://www.56a.org.uk>. O espaço é formado por uma série de projetos, listados no site, como uma editora (*Past Tense*), um grupo de pesquisa sobre história radical do sul de Londres (*South London Radical History Group*); realizam grupos de aconselhamento de ocupações (*squatt*), exposições temporárias na cozinha, como a exposição de cartazes do grupo de artistas e ativistas Just Seeds: Visual Resistance Artists Cooperative. O grupo refaz pôsteres de lutas sociais do século XX reproduzindo em serigrafia, e vende a preços baratos revertendo parte do lucro para movimentos (http://www.justseeds.org/artists/celebrate_peoples_history/).

⁷ Página de assuntos arquivados <http://www.56a.org.uk/archivist.html>

suas tramas sociais (e por isso cabe o conceito de esfera pública) - o Arquivo de emergência; e outro dedicado absoluta e radicalmente a fomentar lutas de movimentos desde ecologia, anarcofeminismo, *queer*, polícia e movimento negro, a ocupações (*squatt*), gentrificação, habitação social... manifestações como Mayday, ações anti-globalização, e tantos outros – 56a Infoshop Archive.

Estar diante desse arquivo é colocar-se diante de grande parte da história de acontecimentos que levaram à celebrada e urgente retomada do espaço público e cooperações faça-você-mesmo (DIY ou *do-it-yourself*), vivida no Brasil a partir de meados de 2001 com uma série de ações urbanas por parte de grupos, indivíduos e anônimos mais ou menos preocupados com a inscrição desses eventos em conformações artísticas. Eu, repleta de fascínio, não podia esquecer que era necessário equalizar o tempo aportando os novos atravessamentos observando o arquivo 56a na sua especificidade: exemplo da promoção de redes de ações e ambiente de pesquisa para a produção de um saber radical. O ambiente, a forma de acessar o arquivo e sem dúvida seus “documentos” eram radicalmente diferentes do que no Instituto Warburg, se não for desnecessário provocar essa comparação.⁸ E, claro, os modos de uso, ou seja, o que se produz a partir dali: desde a diferença na linguagem como modos de circulação da informação que, na academia fica muitas vezes encerrada a esquemas de publicações e restrição de acesso.



_56a _ sala do arquivo

8

O Instituto é formado atualmente por uma biblioteca com livros, um arquivo de guarda da produção de Warburg (anotações, manuscritos, cartas, fotografias, entre outros); coleção de fotografias como base para estudos de iconografia da arte, café, sala de fotocópias, salas de professores-pesquisadores e pesquisadores bolsistas, escadarias e tudo mais que um Instituto necessita. Para pesquisar é necessário carta de recomendação de alguma universidade ou instituição e dependendo carta de recomendação de pesquisador da área.

Pode-se pensar que atualmente há uma retomada da produção de Warburg, que não pode nunca ser invocada sem mencionarmos Fritz Saxl e Gertrude Bing que trabalharam todo o tempo com ele e seguiram seu projeto após sua morte. A crucial insistência na noção de “montagem” na atualidade, em como o conceito instaura uma liberdade nas criações cinematográficas, literárias, artísticas é uma das teses que se aliam à produção de Warburg, sobretudo por conta do atlas “Mnemosyne”.⁹ Também naquilo que o conceito facilita de processos performatizantes dos arquivos, algo que me interessa em especial, ou seja, construção de processos executáveis, o que é também condição primeira de uma *poiesis*. A derivação disso, tomada de forma estreita em relação à produção de Warburg por agentes do campo das artes visuais contemporâneas e do ambiente acadêmico parecia, contudo “endireitar”, limitando, as possibilidades conectivas, visto que muito do que se partilha são referências que, como segredos, comunicam uma temperatura estável de autores, metodologias e conceitos. Porém, há pistas de rompantes que pareciam extravasar o sistema de segurança do Instituto, que precisam antes ser garimpadas na história de sua formação ao propor a colaboração entre áreas do conhecimento, confundindo os limites de práticas que no período moderno por vir seriam mais e mais especializadas. É imprescindível atentar que o território de delimitação do artístico sobrevive por meio de planos de captura, propriedade e autoria... algo que também alimenta a academia. Diante da constatação de diferenças, haveria possibilidade de conectar o ambiente anarquista ao Instituto Warburg? Sem dúvida essa aproximação equalizaria minha incessante busca por desbordes das artes visuais e perscrutações nas criatividades nas lutas protagonistas da autonomia entre pessoas, espaços e políticas diante de um modelo de desenvolvimento global... Uma pergunta então se abria novamente: *o que é como pode ser agenciado um arquivo?*

Ora, parece que a experiência de um arquivo se faz no envolvimento que requer tempo... E a experiência de um arquivo prescinde de “desarquivamentos”¹⁰, conceito inventariado na prática do Arquivo de emergência, ou seja promoção de articulações férteis entre os documentos de um arquivo, retirando-os de lugares consignados e misturando a outros lugares temporários... Talvez, a experiência de arquivo não seja essa que delimita a partir de uma materialidade física, visto que um novo conceito “arquivo” rasga as paredes de um confinamento possível... Talvez arquivo seja esse

⁹ Há análises contemporâneas que dispõe em linhas de correlação artistas europeus e a produção de Warburg, passando por Andre Malraux (Museu imaginário), entre outros. BUCHLOH, Benjamin. “Atlas de Gerhard Richter: o arquivo anômico.” e FOSTER, Hal. “Arquivos da Arte Moderna”, ambos traduzidos para o português publicados na Revista Arte & Ensaios, Universidade Federal do Rio de Janeiro, dezembro de 2009.

¹⁰ O conceito foi desenvolvido em minha dissertação de mestrado disponível em: <http://www.ppgartes.uerj.br/discentes/dissertacoes.html#5>

corpo de pensamento que se ativa, corpo de estranhamentos e estranhamentos no corpo, nos modos de entrar e sair, receber e partilhar motivações, informações, saberes e conquistas...

Tudo o que extravasava as questões requeria novos espaços e novas experiências, que não poderiam estar confinadas ao espaço do Instituto no qual fui pesquisar, mas que estavam sempre ancoradas no conhecido e em desvios desejados e inesperados operando um aterramento que nada mais é que um duplo identificar-se e renovar-se. “A to Z” é o guia usado por quase todo *londoner* para localizar-se nas ruelas medievais da cidade de Londres, ou perder-se à moda Situacionista - espreita indubitável do viajante nômade e queda livre em tantas *incertitudes* mensuradas desde perto e atravessadas por eventos autônomos, assim como afeto de outros *anarquivismos* incitando novas cooperações e rompimentos.



_Publish and be Damned

Publish and Be Damned

Publish and Be Damned acontece desde 2004 em Londres.¹¹ A feira reúne bancas de venda de livros, revistas e demais publicações de arte em amplo sentido criando um ambiente com programação de palestras, lançamentos e performances. Um grupo de artistas organiza de forma

¹¹ A feira aconteceu em uma antiga escola transformada em centro de eventos em East London no domingo de 27 de Setembro de 2009 paralela à London Art Bookfair (Whitechapel Gallery) <http://www.publishandbedamned.org/>

autônoma ao longo destes anos: Emily Pethick, Kit Hammonds, Sarah McCrory e Joe Scotland. Hoje, a feira é conduzida pelos dois primeiros. Na feira de cerca de 100 banquinhas misturam-se desde artistas que fazem livros em tiragem pequena (4 a 10 unidades), feitos artesanalmente, a livros publicados por editoras, e bancas de livrarias alternativas dedicadas ao tema das artes visuais. Participam em grande maioria ingleses, mas também são muitos os alemães e os franceses. Além de ser um momento para comercialização direta, a feira se torna uma grande exposição de diferentes formatos e dispositivos impressos, uma amostragem da diversidade de publicações desde livros costurados à forma tradicional, livros-registro de *performance* e ações, revistas, jornais, catálogos de exposição e toda sorte de colecionáveis e montáveis.

“Marbled Dreams”¹² e “Ahali”: a primeira uma edição de doze originais tamanho A4 replicados em 500 unidades, cada original produzido por um artista e vendido a 1 £ (um *pound*). “Marbled” por que as laterais das folhas empilhadas são cobertas com tinta colorida em desenho, o que diferencia cada folha de papel mesmo que essa espessura seja praticamente imperceptível. “Ahali” (significa comunidade auto-definida em turco) tem um preço padrão (2 £), e você pode escolher até três unidades de texto para compor sua revista. Os organizadores montam e grampeiam diante do comprador um dobrável engenhoso que se converte em capa (com o editorial) e contracapa.



_ Clod magazine

Outras revistas corroboram mais com uma linguagem, por que não dizer, nihilista da arte contemporânea baseada em arte processual como “Unrealised Projects Volume 4: a partial introduction to a process in progress”, organizado por Auto-Italia South East; cujo design resigna-se tanto de uma personalidade que a monotonia impera... “Clod” por sua vez tem outra “cara”. Comprei na banca com os próprios autores: ambos usavam camisas de manga curta e uma gravata borboleta! Quanta performance também executavam naquele vende-compra. Comprei por uma libra uma “Clod” de 1991 em papel brilhoso (couchê) e tinta em impressão azul. Definitivamente não é uma revista de arte, não é uma revista que surge para resenhar arte. O conteúdo das páginas é feito à maneira de antes dos programas de edição eletrônica, tal como nos zines. Os artistas escreveram também um pequeno livro situacionista, e informam uma manualidade como ferramenta sensível... Assim também é a publicação nova totalmente em preto com escritos em branco com duas dobras, “A3” feita por Daniel Lehan (talvez um pouco mais velho que os amigos da Clod). Lehan convida colaboradores realizando pequenas entrevistas no verso das grandes frases que caligrafa: “tonight I will dream of my future wife”, “my father knew the elephant man” e “make peace with yourself”.¹³

Na feira, uma absurdidade de conversas são travadas, em muitas línguas inclusive. Desde a impossibilidade de negociar descontos (que acontecem mais para o final...), assim como debates sobre o próprio material, seu conteúdo, sua história. As conversas acontecem por sobre a mesa, tanto do lado dos vendedores e dos compradores assim como estas posições se confundem à medida que o dia passa e vão se desenhando novas coreografias. A profusão de movimentos corporais que delata uma intensificação das trocas nessa esfera também caracteriza a *Anarchist Bookfair* – bem maior e mais movimentada que a primeira. O ambiente das feiras, diferente um pouco do silêncio dos arquivos e das bibliotecas já não é tanto o ambiente da escrita e da leitura, mas torna-se o ambiente da fala e da escuta...

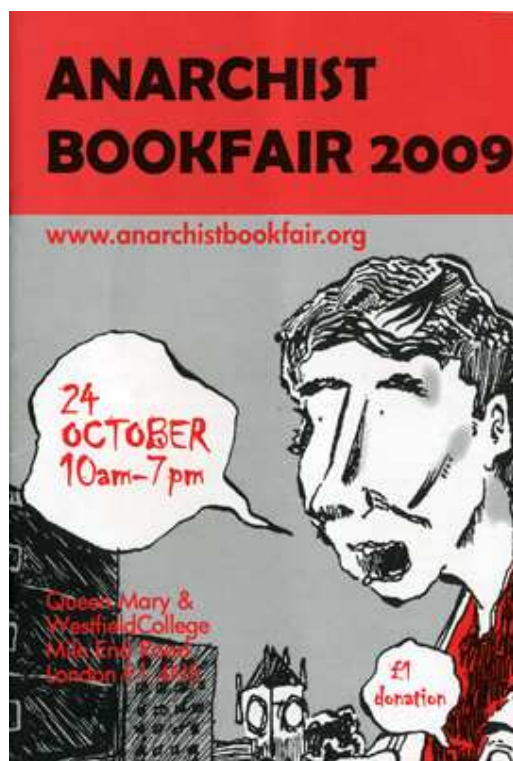
Anarchist Bookfair

A *Anarchist Bookfair*¹⁴ é organizada por um coletivo de anarquistas desde 1984! Começou em uma sala com poucas bancas e pouco a pouco foi tomando o formato que se conhece hoje chegando ano passado a 38 encontros (debates e oficinas), 90 bancas, *cabaret* de performances e esquetes *queer*

¹³ Traduções possíveis: “essa noite eu sonharei com minha futura esposa”, “meu pai conheceu o homem elefante” e “faça paz com você mesmo”.
Mais em: <http://www.daniel-lehan.com>.

¹⁴ <http://anarchistbookfair.org.uk/>. A feira aconteceu no dia 24 de Outubro na Universidade Queen Mary. Muitos dos livros são disponibilizados em <http://www.activedistributionshop.org/shop/>, assim como os livros vendidos na livraria da Infoshop 56a. Na página da feira você pode consultar a lista de projetos, movimentos, centros sociais, livrarias, editoras e independentes que comercializam seus materiais na feira.

e “socialistas”, duas creches, sessões de filmes, café e mais... A ocupação da universidade que sediou a última feira contemplava um teatro, uma sala octogonal, corredores, passagens, auditórios e uma série de improvisações que enriqueciam a experiência espacial da feira. Um coletivo chamado *Bookfair Collective* formado por dois distribuidores de livros (*A Distribution* e *Anarchist Book Service*) e duas livrarias ainda ativas (*Freedom Bookshop* e *Housmans Bookshop*) manifestou-se insatisfeito com a feira de livros Socialistas, alegando “no fun”, tanto que resolveram arriscar uma feira independente localizada na mesma rua que a feira socialista (assim aproveitariam o público), “atendendo a um senso de solidariedade com a cena radical de publicações” e pretendendo fugir de certas regras ligadas a registro de livros nada generosas com essa cena. “Small is beautiful”, uma expressão que revela bastante da simplicidade e da ironia inglesas, adicionadas de anarquismo que fomenta uma linguagem fácil e afetuosa para ser recebida por todos. No mesmo ano da feira surge organizada também pelo coletivo a revista “New Anarchist Review” cujo objetivo era divulgar a feira e trazer resenhas de livros vendidos. O sucesso da primeira feira foi tanto que em seis meses fizeram outra. Hoje a feira acontece anualmente.



_capa do programa da Anarchist Bookfair

Na fala de um dos organizadores, “obviamente como pessoas que vendem livros nós não éramos adversos a eles irem para casa com bolsas com nossos livros, mas mais importante era que queríamos que eles fizessem contato com grupos e indivíduos para dividirem seus interesses e, mais importante ainda, que fossem embora pensando que aquele foi um dia realmente bom, interessante, e que eles definitivamente retornarão e trarão amigos no ano seguinte. (...) Também queríamos

desviar deste ser apenas um lugar onde anarquistas se encontram todo o ano (mesmo que isso seja gigantescamente importante) e fazer deste um lugar onde não-anarquistas podem saber o que todos nós fazemos, dizemos e acreditamos, e esperançosamente invocar mais gente para os grupos, organizações, e caminhos anarquistas e mesmo para a organização da feira.”¹⁵



_ bancas de venda de livros e demais produtos na feira anarquista de livros, ocupando um teatro na universidade Queen Mary, em Londres

Novas relações

A história já escrita da feira anarquista revela uma série de fatos interessantes (enquanto que o site da *Publish* ainda está em elaboração, mas o grupo já existe no *Facebook*) . A permissão de cachorros nas primeiras edições, o histórico de conflitos entre “banqueiros” (revelando que atritos e diferenças existem em qualquer lugar...), agressões por parte da polícia e como os organizadores perceberam que precisavam de uma creche com profissionais de confiança para cuidar de seus filhos. A feira, é importante ressaltar, não vende apenas livros, mas toda sorte de materiais acessórios (cartazes, camisetas, bótons, broches, ...) assim como produtos zapatistas (café, , roupas, artesanato, entre outros) e se torna local de campanha para diversos movimentos, como o chamado para a colaboração tanto para divulgação como apoio financeiro de prisioneiros na Grécia.

Anarchist, de alguma forma, é como dizem os contadores de sua história, uma ferramenta para o próprio movimento anarquista de comunicação sem intermediários da mídia. Não que a *Publish* não seja um ambiente onde articulações políticas perpretam as compras e conversas... mas o posicionamento é, se existe, bastante invisível... por mais que o título seja bastante radical. Se na *Anarchist* os debates chamam pessoas que não são absolutamente envolvidas apenas com

anarquismo para que novos públicos se sintam convidados (pensando o modo de feitura do convite), será necessário fazer o mesmo nos encontros promovidos pela *Publish*?



_broches à venda na feira anarquista de livros

Sei que tudo o que não se precisa nestas situações é o silêncio de uma biblioteca ou o silêncio vez ou outra seco de um ambiente de galeria de arte. Se numa biblioteca existe uma espécie de segredo sobre o objeto de estudo (mesmo que se possa conferir nas fichas de empréstimo o nome dos usuários de um livro), a biblioteca não é tanto dada ao comentário e mesmo à crítica das escolhas do outro. A feira é o local do comércio dos “homens livres” (mais bem dotados de \$\$, no caso da *Publish* mais do que na *Anarchist*) e, portanto, também de algum tipo de performatividade do pensamento testado ao vivo na mesma liberdade destas escolhas. De fato os públicos se misturam, não se pode dizer que quem vá à *Publish* não irá no mês seguinte na *Anarchist*! É importante considerar a realização destas feiras autônomas numa cidade em que um comércio intenso e veloz já cria uma trama econômica que sobrepõe a sociedade como um todo.¹⁶ Mais radical se tornam as iniciativas então, por que não se pautam nem no mesmo conteúdo das grandes tiragens nem pretendem competir com esse mercado de cifras padronizantes... aprendizado para nós brasileiros que, queixosos de não termos “nada, nunca” e ainda não vimos nascer por aqui iniciativas como essa, e uma atenção ao conceito de “*self-publishing*” precisa ser empreendida.

¹⁶ É interessante pensar a fricção de uma *Publish and Be Damned* em uma cidade-sede das maiores casa de leilão de arte do mundo, e dotada dos valores mais altos já capitalizados no setor para artistas vivos (sem mais comentários).

Se por um lado o universo da internet parece dar conta de promover conexões, as coisas impressas ainda parecem surtir muitos encontros novos, e as situações para comercializá-las ou trocá-las ou distribuí-las se tornam muito importantes. O arquivo se rearticula como dispositivo possível... A quantidade de informação disponível constituinte da esfera pública trabalha diretamente a minha ansiedade: “como manter o conhecido desequilibrado do desconhecido?” ; falta de fôlego que eu tenho também em algumas bibliotecas, dessa desajeitada maneira de querer mais e mais informação basicamente por que talvez pelo acúmulo, comparação, e participação nesse tramado uma tese esteja bem provada: uma multiplicidade existe, ela constitui um comum, e prescinde dos encontros para que aconteça. O arquivo, elemento comum de uma relação inicial é retomado para ressurgir mais do que materialidade (como lugar de estabilização de saberes, informações, modos, idéias,...) e mais do que conceito. Será ele instrumento de cerceamento de uma noção de história, lá presente também nas observações de Warburg mirando as fissuras de um paganismo na cultura helênica indelével? Minha deriva ‘A to Z’ confunde os modos da história que se apresentam ainda mais desejantes de desarquivamentos, pelo que exercito o extravasamento produtivo da explosão de um evento para uma costura das lutas e dos enlaces criativos...

Da editora Past Tense: “O que se tem por ‘história’ é geralmente reconicionado e sanitizado como ‘herança’, despojado de conteúdo político com o apagamento dos conflitos, rebeliões e repressões com um brilho rosado; ou a história se aparece algo acadêmico, distante e desconectado da experiência do cotidiano. Para nós o passado, o presente e o futuro são relacionados por experiências de relações sociais e por nossa motivações a modificá-las. Um conhecimento dos movimentos, idéias eventos do passado pode ajudar a moldar as ações no presente e além...”¹⁷

Eu que nunca fui historiadora descobri com os anarquistas que o auto-didatismo prescinde mais ainda de uma troca mútua, e nada melhor que chegar na história pelo presente, na deriva, pela própria prática ou ação no intercurso de eventos cujo encadeamento ajuda a compreender a natureza e os anseios de um movimento... e compreender nesta multiplicidade de que forma há intrinsecamente uma investigação das linguagens e da arte.

Cristina Ribas

Artista visual e pesquisadora

Rio de Janeiro, fevereiro de 2010

<http://arquivodeemergencia.wordpress.com>